

DESEMPENHO

# Chocolate e celulose impulsionam produção industrial do Estado

**Por causa da Páscoa, indústria capixaba conseguiu crescer 5,3% em fevereiro**

RAFAEL SILVA  
rfreitas@redgazeta.com.br

A indústria capixaba conseguiu reverter e sequênciade queda na produção e avançou 5,3% em fevereiro ante janeiro deste ano. Segundo dados da Pesquisa Industrial Mensal do IBGE, 11 dos 14 Estados analisados registraram produção negativa no mesmo período.

É o primeiro resultado positivo após uma série de quatro quedas consecutivas. No acumulado do primeiro bimestre, a queda é de 22,5% em comparação com com os dois primeiros meses de 2015.

Segundo o IBGE, o resultado positivo se deve ao crescimento de 15,7% da indústria alimentícia, principalmente a produção de bombons e chocolates em barra visando a Páscoa.

A produção de celulose e papel aumentou em 4,2%, assim como a os minerais não-metálicos, como o granito e a cerâmica, que avançaram o mesmo percentual. A metalurgia, com a produção de bobinas de aço, também cresceu em 3% em fevereiro.

Na avaliação do presidente da Federação das Indústrias do Espírito Santo (Findes), Marcos Guerra, a indústria capi-

NÚMEROS

**22,5%**  
de queda

É quanto a indústria capixaba acumula de retração no 1º bimestre de 2016 ante o de 2015.

**15,7%**  
de aumento

Foi o crescimento do segmento alimentício verificado pela indústria do Estado, em fevereiro, especialmente com a produção de bombons e chocolates em barra.



Produção de chocolate para a Páscoa ajudou a indústria capixaba a ficar no azul

xaba registrou crescimentos pontuais, em 2015, puxados, principalmente, pela indústria de extração mineral. “Neste ano, temos alimentos - principalmente chocolate - e celulose puxando a alta, enquanto todos os outros segmentos caíram”.

Além de crise financeira, o presidente da Findes aponta que um segundo fator foi determinante para a desaceleração de 22,5% registrada nos primeiros meses de 2016. Segundo ele, a principal queda na economia capixaba continua sendo o setor extrativista, que recuou

34,9% comparado com fevereiro de 2015, ainda refletindo os prejuízos após o rompimento da barragem de rejeitos de minério da Samarco, em Mariana (MG).

“O Estado luta, hoje, contra dois golpes. Um é recessão altíssima. O outro é a paralisação das atividades de uma de suas maiores indústrias, que é a Samarco. Só temos a nosso favor o câmbio”.

Além da indústria capixaba, apenas o Pará, com 6,2%, e Goiás, com 4,1%, registraram resultados positivos. A média nacional ficou em queda de 2,5%.

SAIBA MAIS

QUEDAS DA INDÚSTRIA

- ▼ Bahia -7,9%
- ▼ Amazonas -4,7%
- ▼ Santa Catarina -3,3%
- ▼ Ceará -2,8%
- ▼ Pernambuco -2,5%
- ▼ São Paulo -2,1%
- ▼ Rio de Janeiro -1,9%
- ▼ Paraná -1,6%

CENÁRIO NACIONAL

Os dados indicam que, na série com ajuste sazonal, os recuos mais intensos foram registrados na Bahia, onde a retração chegou a 7,9%, uma queda de 5,4 pontos percentuais em relação à taxa média para o país; e Amazonas, que teve baixa de 4,7%. No caso do Amazonas, o recuo foi o nono consecutivo, período em que o Estado acumulou perda de 26,7%.

Em seguida, tiveram quedas de atividade os Estados de Santa Catarina (-3,3%) e Ceará (-2,8%). Já Pernambuco teve queda de 2,5%,

igualando a média nacional. Também fechou fevereiro com recuo superior à média nacional a Região Nordeste, que encerrou fevereiro com queda de 3,6%.

Em São Paulo, onde fica o maior parque fabril do país, a retração de fevereiro em relação a janeiro foi de 2,1%. No campo negativo, mas como desempenho melhor do que a média do país, ficaram Rio de Janeiro (-1,9%); Paraná (-1,6%); Rio Grande do Sul (-1,3%); e Minas Gerais (-0,7%).

Na outra ponta, fechou com resultados positivos o Pará, com crescimento de 6,2%. Também apresentaram expansão Espírito Santo, com crescimento de 5,3%; e Goiás (4,1%).

Ainda na série com ajuste sazonal, a evolução do índice de média móvel trimestral para o total da indústria nacional, que encerrou fevereiro com queda de 1% - no trimestre fechado em fevereiro de 2016 frente ao nível acumulado nos três meses encerrados no mês anterior (janeiro) - a análise regional indica que nove locais acusaram taxas negativas.

O principal recuo ocorreu em Pernambuco (-7,6%); seguido de Amazonas (-4,8%); Santa Catarina (-1,6%); e São Paulo (-1,2%). Por outro lado, Pará, com expansão de 3,8%; Goiás (1%) e Rio Grande do Sul (1%) ficaram com os avanços de fevereiro.

## Demissões para diminuir impactos no setor

Sem acreditar numa reação de curto prazo para a economia do país, a Federação das Indústrias do Espírito Santo (Findes) garante que o setor vai continuar realizando ajustes em 2016, sendo que as demissões serão usadas como mecanismo para diminuir os impactos da crise no setor.

Na avaliação de Marcos Guerra, a indústria começou 2016 otimista, mas foi surpreendida por um mercado que não reagiu como se esperava. “O setor não tem mais gordura para queimar. Já em abril, o setor deve fazer mais ajustes que, consequentemente, devem gerar mais demis-



Para Guerra, indústria ficou menos otimista em 2016

sões”, destaca.

Ainda segundo o presidente da Findes, medidas do governo federal que prometiam segurar os empregos, como o Programa de Prote-

ção ao Emprego (PPE), não surtiram efeito na indústria capixaba. O PPE é um mecanismo de proteção ao emprego em períodos de redução do nível da atividade

econômica. Por meio de acordo coletivo específico entre os empregados de um determinado setor, permite a diminuição temporária da jornada de trabalho.

Sobre a queda de 22,5% na atividade industrial em comparação com os primeiros meses de 2015, Guerra diz acreditar que a recuperação da indústria capixaba pode acontecer por meio do mercado internacional, que é para onde está voltado 50% dos negócios do setor. “Temos a capacidade de reverter essas perdas com a ajuda do câmbio. Para isso, precisamos que o dólar continue nessa faixa de R\$ 3,60 a R\$ 3,90”.

ANÁLISE

“Expansão por sazonalidade”

É sempre bom ter uma expansão diante dessa recessão bruta que nossa economia está enfrentando. O problema é que, neste caso, é uma expansão por sazonalidade. É natural que a indústria de chocolate vá bem nesta época do ano. Por outro lado, celulose e granito estão voltados para o mercado externo e, com isso, acabam servindo de colchão para nossa economia, amortecendo nossa queda. Nosso Estado é dominado por poucas empresas, mas

que têm se saído bem por causa do dólar. São exportadoras, e a questão cambial, nesse sentido, tem ajudado muito. No momento em que a economia doméstica vai mal, essas grandes empresas estão amortecendo o impacto da recessão. Mas os índices são claros. Comparando com o ano anterior, percebemos que estamos caindo de forma bruta.

ARILTON TEIXEIRA  
PHD EM ECONOMIA E PROFESSOR DA FUCEPE